

CATOPÊS, MARUJOS E CABOCLINHOS NO CONTEXTO SOCIAL DE MONTES CLAROS:

uma história de música, festa, devoção e fé

O Congado é uma das mais importantes manifestações da cultura popular brasileira, tendo em vista o amplo número de grupos existentes pelo país, principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina, Goiás e Minas Gerais. Os grupos de Congado realizam seus festejos, durante quase todo o ano, em grande parte do território brasileiro, dando vida e forma a suas diferentes expressões rituais, através de músicas, danças e coreografias diversas que constituem a essência dessa manifestação.

O ritual congadeiro é um festejo de devoção a santos católicos, em que elementos religiosos, musicais, plásticos, cênicos e coreográficos de tradições populares luso-espanholas e indígenas são somados a aspectos característicos de cultos e ritos da cultura africana. "Essa manifestação é caracterizada, na sua performance, por danças dramáticas ou folguedos acompanhados de expressões musicais, ricas em variações sonoras, ritmos e

melodias, que apresentam particularidades de acordo com o grupo e a região [em que acontece o festejo]" (QUEIROZ, 2002, p. 130).

Essa festa de devoção, segundo Lucas (2000), pode ser identificada como uma expressão da religiosidade negra que sobreviveu ao processo de imposição cultural, presente no sistema escravista brasileiro, pela reinterpretação e reelaboração de valores alheios à concepção de mundo dos negros. Para Brandão (1976; 1985), o Congado combina simbolicamente a memória de acontecimentos e costumes "tribais" com valores da devoção católica aprendidos na catequese.

Tomando como base o pensamento de vários estudiosos de festejos afro-brasileiros, como Souza (2002), fica evidenciada a idéia de que essas manifestações são produtos do encontro de elementos culturais africanos com aspectos da cultura ibérica, que incorporaram elementos de ambas, constituindo-se em outra formação cultural, na qual os símbolos ganharam novos sentidos e no-

vas expressões e práticas ritualísticas.

Neste artigo, realizo uma discussão sobre aspectos históricos dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos na cidade de Montes Claros, refletindo sobre as características que, ao longo do tempo, consolidaram a estrutura da performance desses grupos na atualidade. O trabalho tem como base metodológica uma pesquisa bibliográfica em antropologia, etnomusicologia, história e outros campos do conhecimento que se dedicaram ao estudo de expressões da cultura popular brasileira, além de uma pesquisa de campo realizada no universo dessa manifestação durante os anos de 2002, 2003 e 2004. A partir dos resultados obtidos na pesquisa, são evidenciados, no texto, aspectos relacionados à história dos Catopês, Marujos e Caboclinhos, bem como a configuração atual da performance desses grupos que reúne, num mesmo ritual, música, festa, devoção e fé.

A manifestação congadeira em Minas Gerais

Minas Gerais é um dos estados brasileiros que possuem a maior concentração de grupos de Congado em seu território. Atualmente, existem registros dessa manifestação em diferentes regiões do Estado, e a diversidade das expressões dos grupos de Congado, nesse contexto, evidenciam a importância desse festejo para o universo cultural mineiro.

De acordo com Lucas (2002, p. 46), o registro mais antigo de ocorrência da manifestação do Congado em Minas Gerais foi feito por André João Antonil, ao relatar, em sua obra de 1711, sobre costumes de negros que, por ocasião das festas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, elegiam reis, rainhas, juizes e juizas¹.

A vinda de negros para Minas Gerais e, con-

seqüentemente, a constituição de elementos da cultura africana nesse Estado, se deu numa época em que os portugueses, exauridos com a guerra em Palmares e com a desestruturação da produção de açúcar na Capitania, imigraram para Minas Gerais, atrás das minas de ouro. Assim, de acordo com Marco Aurélio Luz, muitos escravos que imigraram para as minas eram ex-quilombolas aprisionados, vindos de Pernambuco e da Bahia (LUZ, 2000, p. 345).

Segundo Bastide (1971, p. 133-134), com a chegada dos negros em Minas Gerais, logo os quilombolas se espalharam, fazendo dos quilombos desse Estado importantes universos de caracterização étnico-culturais, pois, além de constituírem uma forte estrutura organizacional, esses quilombos compreenderam uma população de 20.000 negros que tinham afluído de todos os cantos do Brasil.

A imigração forçada de escravos para Minas Gerais estabeleceu as bases das irmandades leigas de negros até, aproximadamente, 1701, quando um alvará foi expedido pelo governo geral, proibindo tráficos internos como o que acontecia no Estado. No entanto, o tráfico escravista continuou assegurando a exploração das minas e fomentando a chegada de mais negros ao território mineiro (LUZ, 2000, p. 347).

Segundo a perspectiva de Garcia (2001), "o tráfico interno de escravos [...] proporcionou o campo para o intercâmbio lingüístico, sexual e religioso entre escravos e ex-escravos e misturou as grandes nações africanas" (GARCIA, 2001, p. 29). Esse fato, estabeleceu, em todo o país e, mais especificamente, em Minas Gerais, novas estruturas e definições da cultura dos africanos.

Como os negros levados para Minas eram retirados de diferentes regiões do Brasil, nesse Estado aconteceu uma das maiores frag-

¹ A autora cita como fonte dessa informação a obra "Folclore brasileiro: Minas Gerais", de Saul Martins, publicada pela Editora da UFMG e pelo Instituto Nacional do Folclore – FUNARTE, em 1982.

mentações de elementos culturais dos grupos étnicos da África que eram trazidos para território brasileiro. Esse aspecto acende a hipótese de que tal fator tenha impulsionado a força que os grupos de Congado ganharam nesse Estado. Separados de suas etnias originárias, os negros transplantados para Minas perdiam a força das suas tradições "puramente" africanas, no que se refere a aspectos como os rituais religiosos, as festividades coletivas e os demais costumes e significados culturais.

Os territórios litorâneos que recebiam um fluxo grande e contínuo de negros de uma mesma região, ou de regiões similares da África, conseguiram manter maior homogeneidade de negros com características culturais semelhantes. Assim, nesses contextos, as expressões da cultura afro se mantiveram mais próximas dos seus traços originários, como é o caso do Candomblé na Bahia.

Vinculada às origens do Congado em Minas Gerais, há, também, a história de Francisco da Natividade, o Chico Rei, antigo rei africano que teria vindo como escravo para Vila Rica, no século XVIII, e, após ter trabalhado nas minas, conquistou sua liberdade e ajudou na alforria de vários outros escravos. Chico Rei fundou a irmandade de Santa Efigênia e construiu, no Bairro do Alto da Cruz, uma igreja para o culto dessa santa, sendo, posteriormente, coroado rei da festa de Nossa Senhora do Rosário pelo Bispo de Diamantina (LUCAS, 2002, p. 46)². Segundo Luz, Chico Rei também comprou a mina da "Encardideira", libertando inúmeros irmãos e reconstruindo espaços sociais necessários à continuidade dos valores africanos e à formação existencial negra na cidade de Vila Rica (LUZ, 2000, p. 347).

Atualmente, o ritual congadeiro em Minas Gerais acontece durante festejos em homenagem a santos como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Divino Espírito Santo. A época de realização dos festejos varia, conforme o calendário de cada região do Estado, acontecendo, mais frequentemente, entre os meses de agosto e outubro.

Os grupos de Caboclinhos, Candomblé, Catopês, Cavalhada, Congo, Marujada, Moçambique e Vilão constituem a totalidade do Festejo congadeiro no Estado, sendo que cada região possui singularidades, tanto nas subdivisões de grupos de Congado existentes em cada contexto como nas características definidoras da identidade de cada grupo.

Catopês, Marujos e Caboclinhos: festejando o Congado em Montes Claros

Montes Claros está localizada no norte de Minas Gerais, a cerca de 420 km da capital mineira (Belo Horizonte), sendo considerada a 5ª maior cidade do Estado, com uma população de 336.132 habitantes³. A cidade é, atualmente, o mais importante pólo industrial da região norte-mineira, sendo servida por rodovias federais e estaduais que a colocam como o 2º maior entroncamento rodoviário nacional. A BR 251, que liga a cidade à BR 116, é a principal via de ligação do Sudeste com o Nordeste do país⁴.

Culturalmente, Montes Claros possui grande diversidade de manifestações populares, sendo uma das mais importantes referências do Estado de Minas Gerais. Nesta cidade, podem ser encontradas expressões musicais distintas, como os grupos de Folias de

² Mais detalhes sobre a história de Chico Rei podem ser encontrados em Gomes e Pereira (2000, p. 245).

³ Dados obtidos no *site* oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005).

⁴ Dados obtidos no *site* do Núcleo de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais (2005).

Reis e de Serestas, violeiros, compositores regionais e uma série de manifestações que usam a música como principal meio de difusão dos seus costumes e de suas performances.

Fazendo parte desse universo, os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos, expressões características do Congado mineiro, festejam as suas tradições inter-relacionando-as com outras dimensões do contexto social. Durante determinada época do ano, esses grupos (re)vivem uma manifestação secular que constitui, na atualidade, uma das fortes expressões da cultura montes-clarense.

Em sua configuração atual, o Congado, em Montes Claros, se subdivide em seis grupos, sendo três Ternos de Catopês, duas Marujadas e um grupo de Caboclinhos. A constituição desse universo, que compreende a cultura congadeira na contemporaneidade, consolidou-se historicamente em meio a uma série de fatores socioculturais que alicerçaram a caracterização do Congado nessa cidade.

Visibilidade social, preconceito, subordinação, conflitos internos e outros aspectos sociais, inter-relacionados à totalidade performática das primeiras expressões com características do Congado montes-clarense, constituíram as raízes originárias dos costumes, das crenças, do ritual e dos demais elementos da performance dos grupos atuais de Catopês, Marujos e Caboclinhos.

Aspectos históricos

Como em grande parte das culturas de tradição oral, a história dos grupos de Catopês, Marujadas e Caboclinhos de Montes Claros apresenta lacunas que, pela falta de documentação e de registros históricos de suas origens e constituição, dificilmente serão preenchidas. Da

mesma forma que a história do Congado, em geral, temos, na história dos Ternos de Montes Claros, uma série de hipóteses, que serão discutidas e analisadas neste estudo, mas que não apresentam informações suficientes que possibilitem a determinação precisa de uma data de origem dessas manifestações na cidade⁵.

O registro encontrado como referencial mais antigo dos Ternos de Congado de Montes Claros é do ano de 1841, mencionado por Hermes de Paula (1979, p. 140-141) como sendo o período do primeiro acontecimento de que se tem notícia sobre esses grupos na cidade. Para comprovar sua hipótese, o autor faz menção ao Mestre de Catopês Geraldo Leite da Silva - Geraldo Velho -, do Terno de São Benedito, descrevendo uma música que teria sido composta pelo Mestre "para as festas da coroação de D. Pedro II, em 8-9-1841" (PAULA, 1979, p. 141), fato que comprovaria a existência de Ternos de Catopês em Montes Claros desde essa época. É importante enfatizar que o autor não apresenta, em sua obra, fontes que possam dar suporte comprovado às suas afirmações.

A partir de uma pesquisa realizada em jornais de Montes Claros e de outros documentos diversos, capazes de fornecer informações específicas sobre as origens desses festejos na cidade, foi possível encontrar, como referência mais antiga, a reportagem do Jornal Montes Claros, de 17 de agosto de 1916. Devido ao estado de deterioração desse documento, algumas palavras não estão claras, mas o texto não deixa dúvida sobre as informações que fazem referência aos Ternos de Catopês e Marujada, ficando comprovado que, desde essa época, já aconteciam, no mês de agosto, festejos e rituais praticados por esses grupos (JORNAL MONTES CLAROS, 1916).

⁵ Importante referência para essa parte do trabalho foi a dissertação de mestrado de Jean Joubert Freitas Mendes, intitulada *Música e religiosidade na caracterização identitária do Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário do Mestre João Farias em Montes Claros – MG*, defendida em abril de 2004 no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia.

O Jornal Montes Claros também traz, em edições de 1917, informações que comprovam temporadas festivas de grupos de Congado no contexto sociocultural da cidade. Nesse sentido, a edição do jornal do dia 23 de agosto de 1917 faz menção à presença dos Catopês e da Marujada, descrevendo, no seu artigo, a seguinte informação: "no dia 16 celebraram-se os festejos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, constando as mesmas de missa e procissão solene, procedidas dos reinados grandemente concorridos e abrilhantados pelos catopês e marujada" (JORNAL MONTES CLAROS, 1917, p. 3). Comentando, ainda, sobre esses festejos, o jornal faz menção a mais dois dias de festa. De acordo com o artigo publicado, no dia 17 de agosto de 1917, realizou-se uma celebração festejando São Sebastião. O autor do artigo comenta: "As festas propriamente de rua e para o povo foram magníficas e muito concorridas, estando a todos os actos presentes os catopês⁶ e a marujada" (JORNAL MONTES CLAROS, 1917, p. 3.) Concluindo as referências às festas, encontram-se, ainda, informações sobre os festejos do Divino Espírito Santo, realizado no dia 18 de agosto: "houve [...], nesse dia, comparecendo à missa e à procissão, a nota alegre (ao menos para a meninada) dos diversos ternos de catopês e marujada" (JORNAL MONTES CLAROS, 1917, p. 3).

A partir das informações encontradas nesses jornais, fica evidente que, desde 1916, já havia festejos com rituais similares aos de hoje, em que participavam os Catopês e Marujada. O uso da expressão "diversos ternos", descrita na citação acima, demons-

tra que, nesse período, já existia mais de um grupo de Catopês atuando na cidade.

Outras indicações contidas no Jornal Montes Claros, na edição de 17 de agosto de 1916, fazem referência aos grupos de Catopês e Marujada como "tradições e costumes". O uso desses termos remete à idéia de que essa manifestação já era algo historicamente estabelecido como expressão da cultura popular da cidade, o que fortalece a perspectiva de que a performance desses grupos acontece em Montes Claros, pelo menos desde o século XIX.

Além dos Ternos que constituem atualmente a expressão congadeira na cidade, há registros de que já existiu, em Montes Claros, até aproximadamente a década de 1960, grupos de Congado conhecidos como Cavahada⁷. Essa manifestação, segundo informações do jornal da Festa de Agosto de 2002, ocupou lugar de destaque nos festejos, principalmente junto à classe de maior poder aquisitivo e ascensão social da cidade. Em estudo realizado sobre o Congado mineiro, Saul Martins (1988) descreve a cavahada - uma dramatização da luta entre Mouros e Cristãos - como uma das categorias integrantes da família do Congado⁸. Segundo o autor, ela representa "o congadeiro montado" (MARTINS, 1988 p. 43). Martins ainda afirma que essa prática teve forte incidência até a década de 1960, mas, com o passar do tempo, entrou em decadência, estando praticamente extinta no território mineiro. Em Montes Claros, a Cavahada, a exemplo do que acontece em grande parte das regiões do Estado, também não existe mais, mas é possível

⁶ Algumas regiões do país utilizam o termo Catopês ou Catupês em vez de Catopês. Não foi possível comprovar se, em Montes Claros, já se fez uso da palavra Catopês para designar a manifestação existente na cidade, ou se o uso do termo, no artigo mencionado, foi uma descrição particular do autor da reportagem.

⁷ Um estudo mais detalhado sobre Cavahadas pode ser encontrado na obra *Cavahadas de Pirenópolis*, de Carlos Rodrigues Brandão (1974).

⁸ Saul Martins (1988) utiliza o termo Cavaleiros de São Jorge em vez de Cavahada. O significado desses dois termos designa manifestações com as mesmas características dentro do Congado, mas com variações que se configuraram de acordo com a região do festejo.

encontrar registros dessa manifestação na cidade até a década de 1960. Informações sobre a Cavalhada ainda estão preservadas em jornais da época, registros e informações publicadas por escritores de Montes Claros, e em fotos e demais documentos que circulam nos jornais produzidos atualmente pela Secretaria Municipal de Cultura da cidade.

Tendo em vista a precariedade de fontes escritas que ofereçam dados sobre a origem dos grupos do Congado em Montes Claros, os relatos orais constituem fontes importantes para a compreensão de aspectos relacionados às origens desses festejos na cidade.

Tomando como base entrevistas realizadas com pessoas diretamente relacionadas ao universo dos grupos de Congado de Montes Claros, mais especificamente dos Ternos de Catopês, foram construídas perspectivas relevantes para o entendimento de fatores importantes na constituição histórica desses grupos. A memória oral de integrantes mais antigos e de pessoas relacionadas ao universo dos Catopês preserva informações significativas, mas não possibilita uma definição consistente sobre a origem desses grupos em Montes Claros.

Zanza, o mais antigo dos Mestres atuantes na cidade, afirma que, nos dias de hoje, não é mais possível estabelecer a época de caracterização dos grupos de Catopês em Montes Claros. Segundo ele, não há como precisar tal informação, nem mesmo no que se refere à constituição do seu próprio grupo. Questionado sobre uma possível data de origem do seu Terno, o Mestre afirma: "isso aí fica no ar!". Zanza enfatiza que, desde criança, ele perguntava sobre as origens dos Catopês para o seu avô⁹, Mestre do grupo que ele coman-

da, atualmente. Em resposta, o antigo Mestre sempre deixava claro que não tinha informações precisas sobre essa questão (MESTRE ZANZA, 2004a)¹⁰.

O Mestre João Farias, outro veterano que comanda, atualmente, um dos Ternos de Catopês de Nossa Senhora do Rosário, também demonstra a sua dúvida quanto às origens dessa manifestação. Nesse sentido, o Mestre relata:

[...] a história de Catopê em Montes Claro [...] o povo fala que é lenda mais num sei, [...] foi no tempo dos escravo. Essa época vem rodano dês do tempo dos escravo, que Montes Claro tinha era quatro casa. [...] Quatro casa que os mais véi antigo conta, né?, que isso é véi de mais de cem ano (MESTRE JOÃO FARIAS, 2003)¹¹.

No depoimento do Mestre João Farias, fica claro que ele não tem grande conhecimento sobre as origens dos grupos de Catopês, e que as informações superficiais que guarda foram repassadas por pessoas mais velhas da cidade que tinham alguma informação sobre a origem desses grupos. No entanto, o relato do Mestre evidencia a idéia de que essa manifestação existe há mais de cem anos.

Entre os vários fatores e nomes associados às primeiras informações existentes sobre os Ternos de Catopês, que possivelmente seriam a mais antiga das manifestações do Congado em Montes Claros, estão referências a Gregório Gama e a Sebastião Gama, que teriam sido dois importantes nomes para a caracterização dos Ternos de Catopês dentro das configurações de suas bases tradicionais na atualidade. Existem alguns relatos que apontam os membros da família Gama como sendo os repensáveis pela constituição dos Catopês em Montes Claros, mais especificamente no que se refere aos dois Ternos de Nossa Senhora do Rosário.

⁹ Pacífico Pimenta – avô do Mestre Zanza – é o mais antigo Mestre de que se tem relatos consistentes, do Terno de Nossa Senhora do Rosário do Mestre Zanza.

¹⁰ Entrevista gravada em fita cassete, no dia 08/05/2004.

¹¹ Entrevista gravada em fita cassete, no dia 29/06/2003.

De acordo com informações fornecidas por João de Sena¹², os criadores dos Ternos de Catopês de Nossa Senhora do Rosário seriam de fato os Irmãos Sebastião e Gregório¹³, que vieram para Montes Claros de um lugar conhecido como Gama, localizado na região do Serro, no leste do Estado. Segundo as palavras de João de Sena, "a família veio da divisa do Espírito Santo com Minas, e a cidade onde eles morava [...] chama Gama. Por isso que o nome deles é Gregório Gama e Sebastião Gama. A família deles é Rodrigues" (JOÃO DE SENA, 2003)¹⁴.

Descrevendo sobre como era Montes Claros, quando os irmãos Gama chegaram à cidade, João de Sena comenta:

Quando eles vieram pra qui, Montes Claros era uma vilazinha chamada "Arraial das Formigas". [...] quando eles veio era arraial, não tinha prefeito não tinha paróquia não tinha nada. Na idade de dezoito ano, os menino, meus primos todos, foram fulião deles lá. Aonde tinha os menino de Gregório quase todos eles era Dançante. A famia, era quase que os dançante era eles só... [...] um Terno que era só gente preto, preto mesmo (JOÃO DE SENA, 2003)¹⁵.

Informações fornecidas por João de Sena enfocam dois aspectos principais: o primeiro diz respeito a sua afirmação de que o Terno pioneiro de Nossa Senhora do Rosário foi criado em Montes Claros pelos irmãos Sebastião Gama e Gregório Gama; e, o segundo, esclarece que, na mesma época de origem do primeiro Terno de Nossa Senhora do Rosário, também foi criado o Terno de São Benedito por membros de uma outra família. Se-

gundo João de Sena, o principal responsável pela criação do Terno de São Benedito se chamava Melquíades¹⁶.

As afirmações de João de Sena apresentam algumas perspectivas que se relacionam a fatores descritos por outros relatos e caminham na mesma direção de informações obtidas em fontes bibliográficas da cidade. No entanto, a versão desse informante, de que a origem do Terno de Nossa Senhora do Rosário estaria associada à família Gama é contradita pelo Mestre Zanza. Segundo o Mestre, que convive no contexto dos Catopês desde que nasceu, o Terno de Nossa Senhora do Rosário, que hoje é comandado por ele, já existia antes da chegada dos irmãos Gama, e que eles eram integrantes do Terno quando este ainda era comandado pelo seu avô. O Mestre Zanza relata que os dois Ternos de Nossa Senhora do Rosário existentes, atualmente, em Montes Claros, o seu e o do Mestre João Farias, eram, na verdade, um único grupo. Depois de alguns anos, esse grupo se subdividiu em dois, ficando o Terno mais antigo sob a responsabilidade do seu avô, e o novo grupo sob a responsabilidade dos irmãos Gama. Nesse sentido, o Mestre Zanza declara:

Esse grupo, que é de João Farias, é [que foi] dos Gama, foi assim: existia um grupo só que era o nosso. Mas teve um negócio aí de tanta da gente querê mandar, aí eles [os irmãos gama] pediu prá meu avô, pai de meu pai, se eles podia fazê o segundo grupo; que ficava esse tanto de gente mandano que num dava certo, se papai aceitava mais meu avô. Ai ele falo: Ó, pode! (MESTRE ZANZA, 2004a)¹⁷.

¹² João de Sena não tem uma história como integrante dos Catopês, mas é membro da família Gama, sendo filho de Joaquim Gama e sobrinho dos irmãos Gregório e Sebastião, que são os dois nomes que têm ralação direta com os Ternos de Catopês. Segundo João de Sena, o sobrenome original da família é Rodrigues, mas, pela região de origem, ficaram conhecidos pelo sobrenome de Gama.

¹³ Segundo João de Sena, o sobrenome original da família é Rodrigues, mas, pela região de origem, ficaram conhecidos pelo sobrenome de Gama.

¹⁴ Entrevista gravada em fita cassete, no dia 14/10/2003.

¹⁵ Entrevista gravada em fita cassete, no dia 14/10/2003.

¹⁶ O Mestre Melquíades é citado no trabalho de Paula (1979, p. 144) como sendo um dos primeiros Mestres do Terno de São Benedito.

¹⁷ Entrevista gravada em fita cassete, em 08/05/2004.

Dessa forma, os irmãos Gama teriam sido brincantes do Terno comandado pelo Mestre Américo Pacífico, avó de Zanza, e só posteriormente criaram e passaram a comandar um segundo Terno que é, atualmente, o grupo comandado pelo Mestre João Farias.

O Mestre Zanza confirma a perspectiva de que o Terno de São Benedito, atualmente comandado pelo Mestre Zé Expedito, surgiu praticamente na mesma época do seu Terno. Assim, esses dois grupos seriam os primeiros a constituírem a manifestação dos Catopês em Montes Claros, sendo somado à essa expressão, posteriormente, o segundo Terno de Nossa Senhora do Rosário.

Com base nos dados obtidos através de relatos orais, como os descritos e analisados acima, de referências publicadas em fontes bibliográficas históricas da cidade, como o livro de Paula (1979), que indica a presença dos Catopês em Montes Claros, já em 1841, e as informações contidas em jornais da cidade, já discutidas e analisadas anteriormente, é possível acreditar na idéia de que os Catopês tenham sido, de fato, a primeira expressão do Congado em Montes Claros, caracterizando-se como uma manifestação da cultura popular dessa cidade desde a primeira metade do século XIX.

Em meio às muitas dúvidas e às lacunas existentes no contexto histórico dos Ternos de Catopês, tenho consciência da impossibilidade de se estabelecer certezas, fundamentadas em comprovações reais, sobre as origens desses grupos em Montes Claros. O que é possível afirmar, a partir das análises de dados que revelam aspectos relacionados à contextualização histórica desses grupos, é que essa manifestação faz parte da cultura de Montes Claros desde o prin-

cípio do desenvolvimento urbano da cidade, acompanhando e fazendo parte das expressões culturais constituídas e estabelecidas em sua sociedade. Dessa forma, os Catopês fazem parte do cenário histórico-cultural da cidade desde o tempo em que ela ainda era o "Arraial das Formigas"¹⁸.

A partir das perspectivas históricas apresentadas neste estudo, demonstrarei, a seguir, aspectos dos festejos dos Ternos de Catopês, Marujos e Caboclinhos, refletindo sobre as suas principais características e estruturas nos tempos atuais.

Os Catopês, Marujos e Caboclinhos na atual realidade de Montes Claros

A estruturação atual da Festa de Agosto, no contexto em que os Catopês, Marujos e Caboclinhos realizam o seu ritual, confronta, visivelmente, aspectos tradicionais de práticas performáticas e ritualísticas, como as dos grupos de Catopês, Marujadas e Caboclinhos, com dimensões da modernidade, expressadas na forte ascensão da mídia, no uso de novas tecnologias para a configuração e concepção da Festa, e na estruturação do espetáculo em que se transformou esse evento em Montes Claros.

Dialogando com as múltiplas facetas socioculturais contemporâneas em torno de suas expressões, os Catopês, as Marujadas e os Caboclinhos têm mantido a essência dessas manifestações, preservando aspectos fundamentais para a definição de suas identidades e para o cumprimento do ritual e suas distintas funções no universo desses grupos.

Nesse contexto, as Marujadas, os Caboclinhos e, principalmente, os Ternos de Catopês têm ganhado visibilidade em todo o Estado, tornando-se foco da atenção de fotógrafos, re-

¹⁸ O "Arraial das Formigas" foi elevado a Vila pela Lei de 13 de outubro de 1831, recebendo o nome de "Vila de Montes Claros de Formigas". Posteriormente, em 03 julho de 1857, a Vila passou a cidade – Cidade de Montes Claros (MONTES CLAROS, 2005).

pórteres, pesquisadores e membros da sociedade em geral. Os seis grupos que hoje compõem a totalidade do universo congadeiro em Montes Claros tornam, a cada ano, suas práticas festivo-religiosas (re)atualizadas e (re)inseridas no mutante universo sociocultural em que vivemos na atualidade.

O campo de constantes diálogos, trocas, imposições e redefinições entre valores culturais distintos tem permeado o universo desses grupos, estabelecendo as suas estruturas atuais. Na contemporaneidade, essas manifestações se adaptam às novas perspectivas sociais, mas encontram as suas formas particulares de preser-

As Marujadas

O enredo da Marujada constitui a fusão de elementos de tradições luso-espanholas, encenando lutas entre mouros e cristãos em grandes feitos náuticos que se concretizam com a vitória do catolicismo sobre os muçulmanos.

Montes Claros possuía, até o ano de 2001, apenas um grupo de Marujos que, a partir de 2002, se subdividiu, constituindo as duas Marujadas existentes atualmente na cidade. Assim, temos a Marujada do Mestre Nenzim (FIG. 1), que é a mais antiga e que deu origem ao outro grupo, e a Marujada

FOTOS DESTE ARTIGO: Luís Ricardo Silva Queiroz

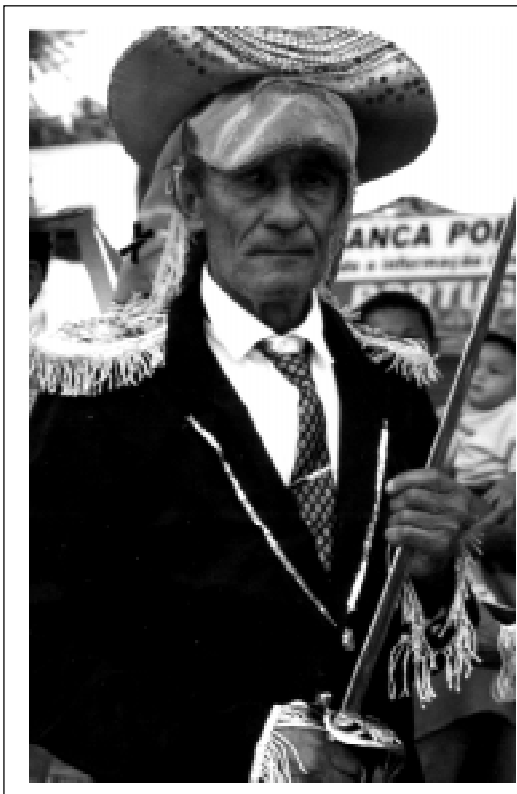


FIGURA 1 – Mestre Nenzim

var e manter os valores e significados de uma "tradição" que, a cada ano, se renova, sem perder a essência de suas raízes histórico-culturais e os seus traços identitários.



FIGURA 2 – Mestre Miguel

do Mestre Miguel (FIG. 2). Ambos os grupos são devotos do Divino Espírito Santo e têm características similares nos seus aspectos plásticos, cênicos e musicais.



FIGURA 3 - Roupas dos Marujos

Os Marujos usam vestimentas com as cores azul e vermelho - o azul representando os cristãos, e o vermelho representando os mouros (FIG. 3). Os dançarinos (porta-bandeiras) abrem passagem para o grupo com as suas coreografias (FIG. 4), enquanto o Mestre (no caso da Marujada, também chamado de capitão) vem à frente dos demais integrantes, com sua espada, conduzindo a performance do Terno nos distintos momentos e situações do ritual.



FIGURA 4 – Dançarinos da Marujada.

As letras das músicas retratam o enredo caracterizador da performance dessa manifestação, e o uso de instrumentos harmônicos estabelece o sistema tonal como característica predominante na música desses grupos.

O instrumental é composto por cavaquinhos, violões e violas, sendo que o único instrumento de percussão utilizado é o pandeiro.

Na estruturação das vozes, o padrão utilizado é "solo x coro" que é a base da performance do canto em todos os seis grupos de Congado de Montes Claros. O solo sempre é feito a duas vezes, com intervalo de 3ª ou 5ª, acima da voz principal do Mestre, e o coro responde com subdivisões vocais dentro da estruturação harmônica, utilizando essencialmente a nota fundamental do acorde e intervalos de 3ª, 5ª e 8ª.

Os Caboclinhos

Os Caboclinhos retratam historicamente a figura do índio brasileiro, associado à Confraria de Nossa Senhora do Rosário. Em Montes Claros, existe, atualmente, apenas um

grupo dessa natureza, que é comandado pelo Mestre Joaquim Pólo (FIG. 5). Da mesma forma que as duas Marujadas, o Terno de Caboclinhos também é devoto do Divino Espírito Santo.

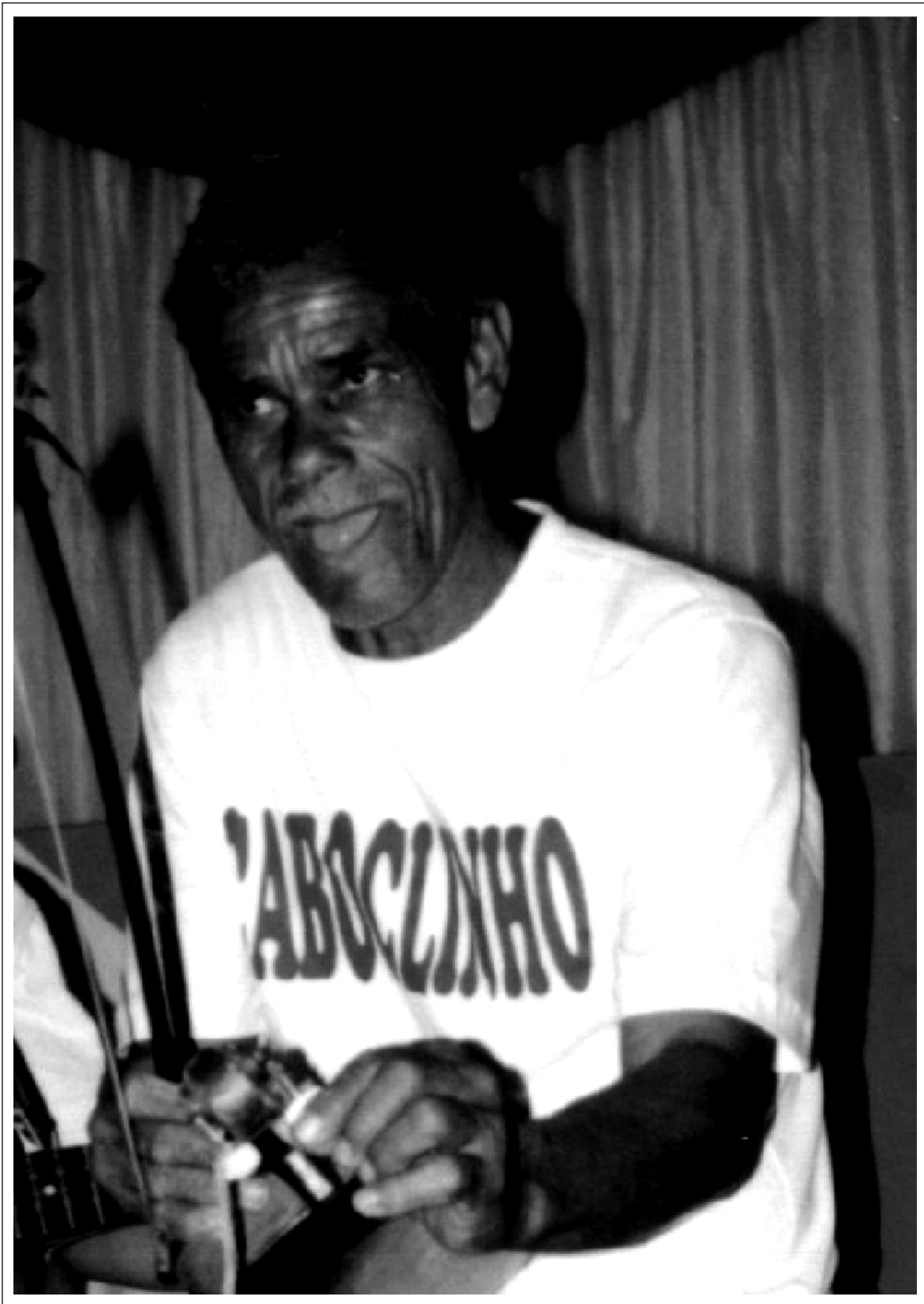


FIGURA 5 - Mestre Joaquim Pólo

Os trajes desse grupo simbolizam as vestimentas indígenas, com enfeites de penas coloridas adaptados às roupas vermelhas e brancas (FIG. 6). Os integrantes conduzem pequenos arcos e flechas que completam a caracterização plástica dessa manifestação. As flechas, quando arremessadas, não se soltam, devido a um ressalto que as mantém presas no arco e, por entrechoque, funcionam como marcador rítmico, ajudando a compor a sonoridade do grupo (FIG. 7).

sua música. Um outro instrumento utilizado nesse Terno é uma rabeca, tocada pelo Mestre Joaquim Pólo (FIG. 8), que faz solos instrumentais e as introduções das músicas. Esse grupo não utiliza instrumentos de percussão.

Nos Caboclinhos de Montes Claros, há forte presença de mulheres e crianças, fato que singulariza significativamente essa manifestação, nesse contexto. No que se refere ao canto, o solo é feito a duas vozes, da



FIGURA 6 - Roupas dos Caboclinhos

Os Caboclinhos utilizam violões e violas como instrumentos principais, fato que também estabelece o padrão tonal como base de

mesma forma que nas Marujadas, só que executado por mulheres. A resposta do coro se estabelece dentro da estrutura dos acordes.



FIGURA 7 - Modelo do arco e flecha dos Caboclinhos¹⁹

¹⁹ Essa foto é de um arco e flecha sem enfeites. Durante os desfiles, esse adereço é enfeitado com penas e fitas coloridas.



FIGURA 8 - Rabeca do Mestre Joaquim Pólo

Os Ternos de Catopês

Montes Claros possui, atualmente, três Ternos de Catopês, sendo dois grupos devotos de Nossa Senhora do Rosário e um devoto de São Benedito. Os elementos distintos que compõem a performance dos Catopês deixam evidente que esses grupos são os que preservam as maiores influências da cultura africana, no que diz respeito às suas configurações rituais, coreográficas e musicais.

Os Catopês apresentam pequenas variações

nas cores de suas vestimentas, tendo em vista que, nos Ternos de Montes Claros, há uma predominância da cor branca como base da coloração das roupas dos integrantes (FIG. 9). No entanto, cores como o azul, o rosa, e o vermelho, que estão relacionadas aos santos devotados pelos grupos, podem apresentar nuances na composição dos figurinos, fazendo parte de detalhes e até mesmo da configuração geral da roupa dos Mestres e/ou de integrantes hierarquicamente mais importantes dentro dos Ternos.



FIGURA 9 - Roupas dos Catopês

Elementos importantes na caracterização identitária dos Ternos de Catopês são os "capacetes", adereços enfeitados com fitas coloridas, miçangas, espelhos e penas de pa-

vão (FIG. 10 e 11). A composição do capacete não tem uma estrutura única, variando entre os três Ternos e até mesmo entre os integrantes de um mesmo grupo (FIG. 10 e 11).

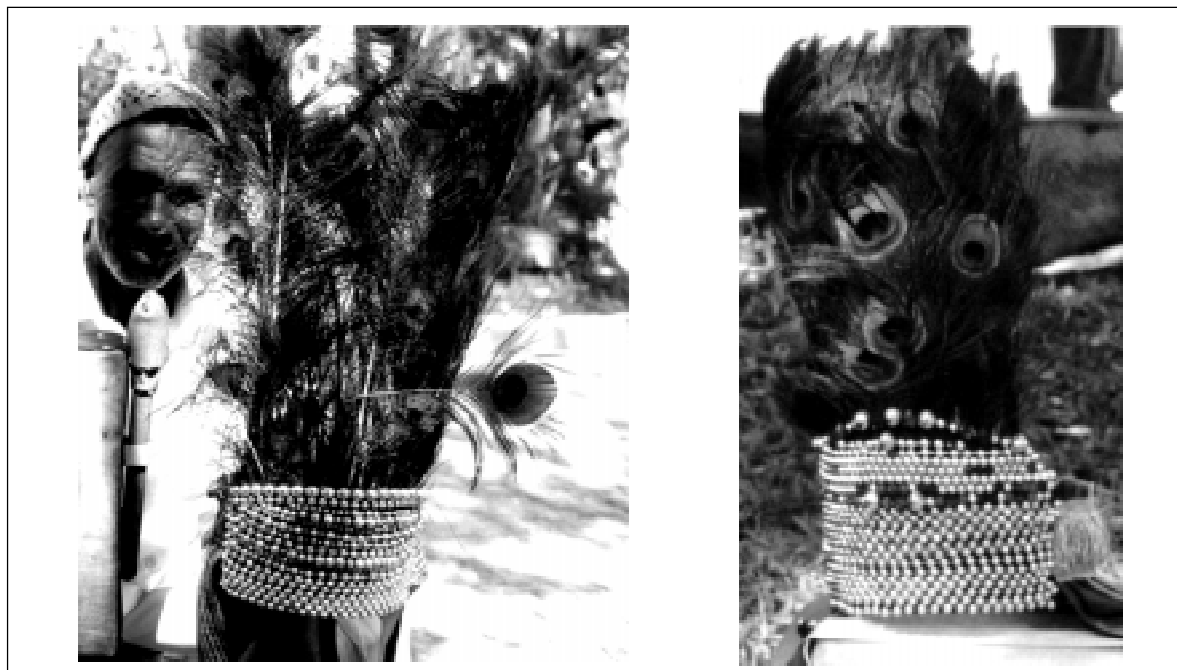


FIGURA 10 - Capacete dos Catopês



FIGURA 11 - Capacete dos Catopês / espelhos e fitas coloridas

²⁰ Homenagem a Pedrinho, integrante do Terno do Mestre Zanza, falecido no ano de 2004.

Os Catopês usam somente instrumentos de percussão, o que particulariza significativamente a música dessa manifestação em relação aos grupos de Marujos e Caboclinhos. O canto segue o padrão similar ao dos outros

João Farias se tornou Mestre em 1971, com 28 anos, estando até hoje no comando do Terno. O Mestre conta que, quando Sebastião Gama²² precisou afastar-se de sua função, entregou o Terno para um outro integrante, que só saiu



FIGURA 12 - Mestre João Farias

grupos: "solo x coro". A estruturação musical, como também acontece nas Marujadas e nos Caboclinhos, está centrada no sistema tonal, apesar de os Ternos de Catopês não utilizarem instrumentos harmônicos.

O Terno de Nossa Senhora do Rosário do Mestre João Farias

João Batista Farias, o Mestre João (FIG. 12), nasceu em 15 de junho de 1943 e começou a participar dos Catopês desde 1951, com 8 anos de idade. Segundo o relato do Mestre, seu pai²¹ era "brincante" dos Catopês e daí surgiu a influência pela sua participação.

com o grupo durante um ano, e não deu continuidade à função que lhe havia sido confiada pelo antigo Mestre. A partir daí, João Farias assumiu a posição de Mestre e, desde então, permanece na liderança do grupo (MESTRE JOÃO FARIAS, 2004a)²³.

O Mestre João Farias é um dos mais expressivos personagens da manifestação dos Catopês de Montes Claros, na atualidade. A sua força e a dinâmica no comando do Terno se destacam durante a performance dos grupos, dando visibilidade à sua atuação naquele contexto. Sua capacidade vocal também é merecedora de foco, pois, nos momentos de atuação coletiva dos Ternos, o Mestre João Farias

²¹ José Soares Farias, pai do Mestre João Farias, foi brincante dos Catopês desde as primeiras décadas do século XX.

²² De acordo com dados históricos, apresentados e discutidos neste trabalho, Sebastião Gama foi o primeiro Mestre do Terno que atualmente é comanda pelo Mestre João Farias.

²³ Entrevista gravada em fita cassete, no dia 08/05/2004.



FIGURA 13 - Terno de Nossa Senhora do Rosário do Mestre João Farias

quase sempre é o solista dos grupos.

O Terno de Nossa Senhora do Rosário (FIG. 13), comandado pelo Mestre João, possui atualmente cerca de 60 integrantes, número que varia, a cada ano, de acordo com as possibilidades dos brincantes para participarem da Festa. A força sonora desse grupo é um dos aspectos principais de sua constituição identitária, dando destaque à performance do Terno nos distintos momentos e situações do ritual.

O Terno de Nossa Senhora do Rosário do Mestre Zanza

João Pimenta Santos Filho, o Mestre Zanza²⁴ (FIG. 14), nasceu no dia 03 de maio de 1933 e participa dos Catopês desde 1936, quando tinha apenas 3 anos de idade. Zanza se tornou Mestre muito jovem, com apenas 17 anos, e já comanda o seu Terno há 55 anos, sendo o mais antigo Mestre de Catopês em Montes Claros, na atualidade.

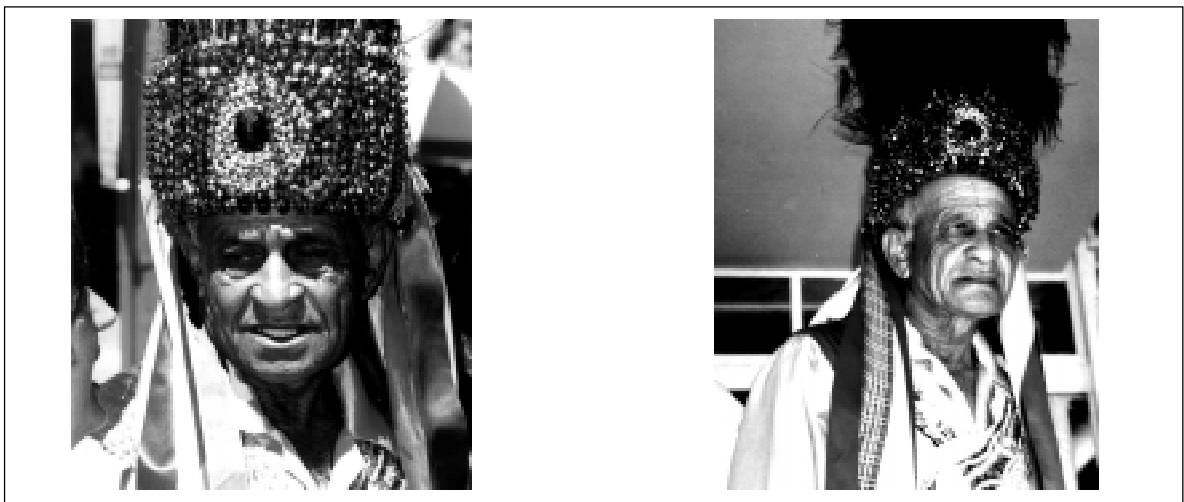


FIGURA 14 - Mestre Zanza

²⁴ Segundo o Mestre, o apelido Zanza vem desde criança e se consolidou porque ele estava constantemente andando e brincando pelas ruas do seu bairro, subindo em árvores, etc. Dessa forma, por ele viver “zanzano” [vagando], apelidaram-no de Zanza. O Mestre conta que ele também tem o apelido de Sabiá, atribuído por uma devota que freqüentava a igreja do Rosário, por causa da sua forma de cantar.

De acordo com Zanza, ele se tornou Mestre após um acidente com seu pai²⁵, que foi o seu antecessor na liderança do grupo. Segundo ele, o seu pai era carpinteiro e caiu do telhado de uma casa, em época próxima à realização da Festa de Agosto. Sentindo que o seu estado de saúde era grave, o pai mandou chamá-lo e pediu que ele desse continuidade aos festejos, naquele ano, assumindo a liderança do grupo. Zanza afirma que acreditava na recuperação do pai e pensava que ele ainda teria muitos anos como Catopê. No entanto, o falecimento de seu pai não demorou a acontecer, e Zanza se tornou definitivamente o Mestre do grupo (MESTRE ZANZA, 2004a²⁶).

Zanza é o presidente da Associação dos Grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros, com importante papel na organização da Festa e na representação política dos grupos junto à Prefeitura Municipal e à sociedade em geral. A figura desse Mestre é

destacada pela imprensa, por pesquisadores, estudiosos e apreciadores do ritual, e por membros da sociedade em geral, fato que fez dele um ícone representativo da Festa de Agosto de Montes Claros.

O Terno de Nossa Senhora do Rosário (FIG. 15), comandado pelo Mestre Zanza, é o que tem atualmente o maior número de integrantes, cerca de 80 pessoas, quando o Terno está completo. Além do elevado número de participantes, o grupo possui, também, um grande número de integrantes adultos e com idade mais avançada, o que promove maior organização do Terno na sua performance.

Esse grupo, pela sua força no contexto da Festa, tem grande destaque social, configurando-se como importante referência da manifestação dos Catopês em Montes Claros. De acordo com os dados históricos discutidos anteriormente neste trabalho, há indícios de que este seja o mais antigo dos Ternos da cidade.



FIGURA 15 – Terno de Nossa Senhora do Rosário do Mestre Zanza

²⁵ O pai do Mestre Zanza se chamava João Pimenta Santos e era o Mestre do grupo antes de Zanza assumir a liderança.

²⁶ Entrevista gravada em fita cassete, no dia 08/05/2004.

O Terno de São Benedito do Mestre José Expedito

José Expedito Cardoso do Nascimento, o Mestre Zé Expedito (FIG. 16), nasceu em 27 de janeiro de 1943 e, com cinco anos de idade (1948), começou a brincar na Marujada. A partir de 1951, quando tinha oito anos, Zé Expedito passou a participar dos Catopês, tornando-se Mestre por volta do ano de 1984.

ma, Zé Expedito é o mais recente Mestre de Catopês na atualidade, e o único que foi escolhido por uma decisão política externa ao grupo (MESTRE ZÉ EXPEDITO, 2003)²⁸. Decisão esta que levou em consideração a importância do Mestre como um participante experiente e conhecedor dos costumes e da tradição dessa manifestação.



FIGURA 16 - Mestre José Expedito

Há cerca de 21 anos no comando do Terno de São Benedito, Zé Expedito assumiu a posição de Mestre a partir de uma decisão conjunta da Secretaria Municipal de Cultura com o Mestre Zanza, presidente da Associação dos Grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros²⁷. Dessa for-

O Terno de São Benedito (FIG. 17), um dos mais antigos de Montes Claros, tem atualmente cerca de 40 integrantes, sendo quantitativamente o menor dos três Ternos existentes na cidade. Esse grupo, pelo fato de ser o único devoto de São Benedito, apresenta características singulares em relação aos

²⁷ Segundo Zé Expedito, quando ele entrou no Terno de São Benedito quem comandava o grupo era o Mestre Zequias. Quando este teve que se afastar, foi sucedido por um integrante que teve diversos problemas com alcoolismo enquanto estava no comando do grupo. Devido a esse fato que comprometia a performance do Terno, a Secretaria de Cultura e o Mestre Zanza tiveram que buscar uma alternativa para resolver o problema.

²⁸ Entrevista gravada em fita cassete, no dia 20/12/2003.



FIGURA 17 - Terno de São Benedito do Mestre José Expedito

outros dois Ternos, principalmente quanto aos seus aspectos plásticos e musicais²⁹.

A Festa de Agosto em Montes Claros

A Festa de agosto, em Montes Claros, se consolidou a partir da junção de três festejos religiosos: o de Nossa Senhora do Rosário, o de São Benedito e o do Divino Espírito Santo. Segundo o antropólogo João Batista de Almeida Costa (2004)³⁰, a partir da fundação da Diocese de Montes Claros, que aconteceu em 10 de dezembro de 1910³¹, o bispo Dom João Pimenta³² reuniu no mesmo calendário três festas religiosas que já aconteciam na ci-

dade em épocas diferenciadas. Assim, a festa do Divino, que ocorria no período de Pentecostes, e a festa de São Benedito, que acontecia no mês de setembro ou outubro, foram somadas à festa de Nossa Senhora do Rosário, que já era realizada no mês de agosto (COSTA, 2004). Dessa forma, ficou estabelecido o período atual da Festa de Agosto de Montes Claros, que passou a celebrar Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e o Divino Espírito Santo em um único acontecimento que congrega os rituais de devoção às três santidades.

No contexto dessa Festa, os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos são os gran-

²⁹ Uma análise da música desse grupo, da mesma forma que a dos outros dois Ternos de Catopês, pode ser encontrada no capítulo 6 da tese de doutorado de Luis Ricardo Silva Queiroz, intitulada *Performance musical nos Ternos de Catopês de Montes Claros*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, em junho de 2005.

³⁰ Entrevista gravada em DVD, no mês de agosto de 2003.

³¹ De acordo com as informações do site "<http://www.arquimoc.org.br/provincia.html>", a fundação da "Diocese de MOC aconteceu no Pontificado do Papa Pio X, em 10 de dezembro de 1910, pela Bula 'Postulat Sane' " (ARQUIDIOSECE DE MONTES CLAROS, 2005).

³² Dom João Antônio Pimenta foi o primeiro Bispo da Diocese de Montes Claros, ficando no comando da Igreja católica dessa cidade até a data do seu falecimento, em 1943.

des atores que engendram os costumes, as crenças e todos os demais significados característicos do ritual, na atualidade, celebrando a fé e a devoção aos santos, a partir da (re)criação de momentos extraordinários de convívio social, que configuram a performance do Congado em Montes Claros.

BrinCADEIRAS populares que se realizam no âmbito de festas como as dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros demonstram que a cultura popular se caracteriza como um todo integrado e dinâmico, inseparável da vida cotidiana. Essas brincadeiras, que têm um caráter dramático em muitas manifestações, dão forma a folguedos que inter-relacionam as festas a uma amplitude de outros valores socioculturais. De acordo com as palavras de Ferreira e Cavalcanti:

[...] o folguedo é o objeto em ação, aberto e contraditório, ligado ao passado e continuamente adaptado ao presente. [...] Os folguedos [são, ainda,] uma exigência crítica de construção simbólica de identidade: um caminho para captar a originalidade de formação da cultura brasileira e sua dinâmica" (FERREIRA; CAVALCANTI, 1997, p. 14).

Assim é a Festa de Agosto em Montes Claros, uma expressão cultural que tem se renovado na contemporaneidade, associando fatores como religião, entretenimento, (re)afirmação social e uma série de outras dimensões que se confrontam nesse universo cultural e que acabam determinando aspectos diretamente relacionados à estruturação da Festa e às definições identitárias dos grupos que dão forma e sentido à sua existência. Decisões políticas, muitas vezes, reformulam os espaços e a concepção organizacional do festejo e dos rituais que o envolvem, com o intuito de dar maior visibilidade à Festa e tornar esse fenômeno mais organizado dentro de perspectivas externas à verdadeira realidade dessa manifestação. No entanto, a essência do festejo é preservada nas músicas, nas coreografias, na religiosidade e em toda a com-

plexidade simbólica dessas expressões, que só podem ser percebidas através de uma vivência acurada do universo das manifestações dos Catopês, Marujos e Caboclinhos.

A estrutura atual da Festa de Agosto

A Festa de Agosto acontece durante cinco dias, na terceira semana do mês, sendo iniciada na quarta-feira e encerrada no domingo. A estrutura atual da Festa está organizada da seguinte forma:

Quarta-feira

¹ Noite

- Visita à casa do mordomo de Nossa Senhora do Rosário
- Levantamento do Mastro com a bandeira da Santa

Quinta-feira

¹ Manhã

- Reinado de Nossa Senhora do Rosário
- Missa em homenagem à Santa

¹ Noite

- Visita à casa do mordomo de São Benedito
- Levantamento do Mastro com a bandeira do Santo

Sexta-feira

¹ Manhã

- Reinado de São Benedito
- Missa em homenagem ao Santo

¹ Noite

- Visita à casa do mordomo do Divino Espírito Santo
- Levantamento do Mastro com a bandeira do Santo

Sábado

¹ Manhã

- Reinado do Divino Espírito Santo
- Missa em homenagem ao Santo

Domingo

1 Manhã

- Encontro dos grupos de Congado

1 Tarde

- Procissão

1 Noite

- Missa de encerramento da Festa

As diferentes situações na estruturação da Festa

Momentos e situações diversificados se juntam na estrutura da Festa, criando aspectos particulares para cada etapa do ritual e estabelecendo as bases gerais que dão forma e característica aos festejos de agosto, na atualidade. Para uma compreensão significativa da variedade de situações vivenciadas durante a manifestação dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos, é importante apresentar as etapas que constituem a essên-

cia dessa festividade em Montes Claros. De forma ampla, a Festa de agosto conta com sete situações distintas que são inter-relacionadas pela performance dos grupos, durante o ritual. Essas situações se estabelecem nas visitas às casas dos mordomos, no levantamento dos mastros, nos reinados e no império, nas missas em homenagem aos santos, no encontro dos grupos de Congado, na procissão e na missa de encerramento.

As visitas às casas dos mordomos

Os mordomos são pessoas da comunidade, sorteadas para guardarem as bandeiras dos santos de um ano para o outro. A cada ano, a Festa tem três mordomos: o de Nossa Senhora do Rosário, o de São Benedito e o do Divino Espírito Santo. No período de realização do ritual, os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos vão até a casa dessas pessoas buscar a bandeira e conduzi-la até a Igreja do Rosário³³ (FIG. 18).



FIGURA 18 - Igreja do Rosário de Montes Claros

³³ A igreja do Rosário fica localizada na praça Portugal, no cruzamento da rua Governador Valadares com a avenida Coronel Prates. Essa Igreja é, atualmente, o local onde são realizadas as missas, durante os festejos de agosto. Em frente ao templo acontece o levantamento dos mastros.

O levantamento dos mastros

Chegando à Igreja, os grupos realizam o levantamento do mastro, um momento solene em que, a cada dia, se ergue uma das bandeiras, homenageando os santos devotados. Segundo o depoimento dos três Mestres, o levantamento do mastro é uma expressão de devoção e uma homenagem ao santo festejado em cada dia, sendo também o anúncio da realização festiva para o santo, no dia seguinte. Assim, na quarta-feira à noite, busca-se a bandeira de Nossa Senhora do Rosário na casa do mordomo, leva-se essa bandeira em cortejo pelas ruas até a igreja do Rosário e concretizam-se as comemorações religiosas do dia, com o levantamento do mastro. Essa parte do ritual, de acordo com os Mestres, anuncia que, na quinta-feira pela manhã, comemorará-se a Festa de Nossa Senhora, com o reinado e a missa em homenagem à santa. Nos dias seguintes, sexta-feira e sábado, o ritual se desenvolve da mesma forma, celebrando, res-

pectivamente, São Benedito e o Divino Espírito Santo.

Os reinados e o império

Os reinados e o império são momentos de coroação e consagração dos reis, rainhas, imperador e imperatriz³⁴ (FIG. 19). Os reinados são realizados nos dias de homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, enquanto o império, no dia em que se homenageia o Divino Espírito Santo. As nomenclaturas distintas, entre reinados e império, não representam uma diferença real, na prática, sendo situações semelhantes no ritual, no que concerne às suas funções, estruturas e características.

Essa etapa da Festa é realizada pelas ruas da cidade, em cortejos que ganham o espaço urbano do centro, indo até a Igreja do Rosário. Além dos reis e rainhas (ou imperador e imperatriz) e dos grupos de Catopês, Marujos e



FIGURA 19 - Reinado de São Benedito no ano de 2002.



Figura 20 - Príncipes, princesas, rei e rainha no reinado de São Benedito do ano de 2004.

³⁴ Em Montes Claros, a coroação de reis não é realizada como na grande maioria das manifestações do Congado pelo Brasil. Na cidade, não se coroam reis negros ou, especificamente, membros da comunidade dos grupos. Os reis, rainhas, imperador e imperatriz são escolhidos por sorteio realizado entre crianças inscritas da comunidade, independentemente da cor, raça ou classe social. Os pais ficam responsáveis em apoiar a realização da festa, patrocinando os almoços coletivos dos grupos e outros eventos que envolvam a participação dos Ternos, fato que favorece uma presença maior de reis, rainhas, imperador e imperatriz oriundos de famílias com maior poder aquisitivo.

Caboclinhos, participam do cortejo príncipes e princesas³⁵(FIG. 20), escolhidos entre crianças da comunidade, e a banda militar da cidade. A (FIG. 21) ilustra a estrutura atual do cortejo, durante os reinados e o império.

A posição dos grupos, ao longo do cortejo, apresenta variações, principalmente a localização dos Ternos de Catopês. Atualmente, somente esses grupos realizam a execução musical durante o cortejo, com coreografias em que os três Ternos trocam de posição entre eles e também com as Marujadas e os Caboclinhos. Esses últimos acompanham o cortejo sem executar suas músicas.

As missas em homenagem aos santos

Com a chegada dos reinados ou do império na Igreja do Rosário, é realizada uma missa em homenagem ao santo do dia: na quinta-feira Nossa Senhora do Rosário; na sexta-feira, São Benedito; no sábado, o Divino Espírito Santo.

O encontro dos grupos de Congado

O "Encontro dos Grupos de Congado" é um dos acontecimentos mais recentes da estrutura atual da Festa de agosto. Essa etapa do ritual começou a acontecer por volta de 1992, sempre aos domingos pela manhã, com o objetivo de reunir grupos de Congado de vários lugares do Estado de Minas Gerais. O local de encontro dos grupos é a sede da Associação dos Catopês, Marujos e Caboclinhos, onde cada grupo participante realiza sua performance (FIG. 22, 23, 24 e 25).

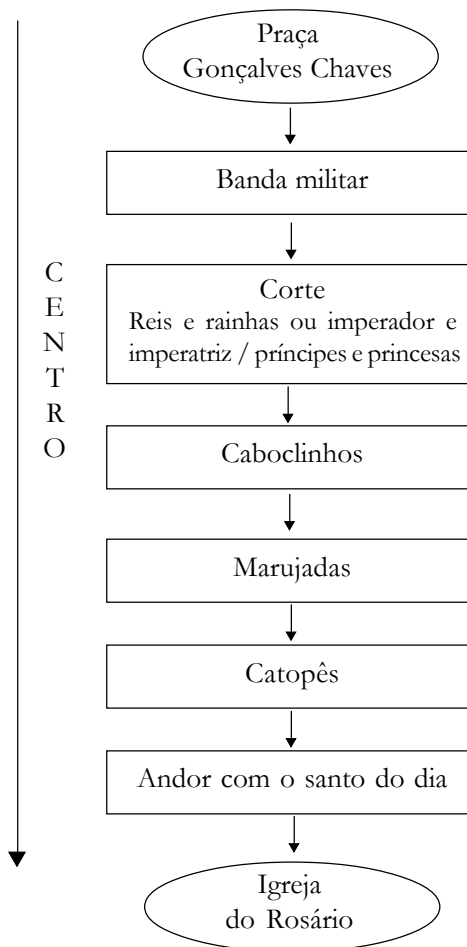


FIGURA 21 - Estrutura do cortejo (reinados e império)

A procissão

A procissão acontece no encerramento da Festa, domingo à tarde, com a participação dos Ternos de Montes Claros e de todos os demais grupos que estiveram no Encontro dos Grupos de Congado. Esse evento se inicia na praça da Matriz, passando por ruas do centro da cidade, sendo finalizado na Igreja do Rosário, onde acontece a missa de encerramento da Festa.

³⁵ Os príncipes e princesas são crianças da comunidade, inscritas pelos pais para participarem dos reinados ou do império.

³⁶ A sede da Associação fica localizada na rua Santa Efigênia, no bairro Morrinhos.

A missa de encerramento

Nessa missa, realizada no início da noite de domingo, os grupos agradecem aos santos devotados por mais um ano de realização do ritual. O padre conduz a cerimônia religiosa, pedindo proteção a Deus e aos santos padroeiros da Festa para os Catopês, Marujos e Caboclinhos, e abençoando os grupos para que estejam de volta no ano seguinte e possam cumprir, mais uma vez, a sua "obrigação" religiosa.

A realização da Festa e a concretização da performance

A performance dos Catopês, Marujos e Caboclinhos se evidencia no âmbito dessa Festa, promovendo, nas diferentes situações e espaços do ritual, formas distintas de expressarem, diante da sociedade, os costumes, as crenças e os valores que constituem a essência dessa manifestação.

A variedade e a complexidade interna do ritual exige dos praticantes desse festejo conhecimentos múltiplos que são (re)afirmados, renovados e (re)criados a cada ano e a cada situação de performance, no contexto dessa tradição. Ao participarem da Festa, os Catopês, Marujos e Caboclinhos dão vida nova a uma prática que vem se consolidando, ao longo de mais de cem anos, fazendo, do passado, uma base para o presente, e do universo simbólico da Festa, uma perspectiva para o futuro.

A Festa faz da cidade, durante os cinco dias em que acontece, um cenário de costumes e crenças religiosas celebradas e expressadas pela performance dos grupos. Performance que reúne, no fenômeno musical, orações, saudações, danças, coreografias, adereços e toda a complexidade simbólica do mundo dos Catopês, Marujos e Caboclinhos.



FIGURA 22 - Guarda de Moçambique dos Arturos (Contagem-MG) - 2002



FIGURA 23 - Marujada de Serro (2004)



FIGURA 24 - Guarda de Congado de Esmeraldas (2002)



FIGURA 25 - Terno de Catopês do Divino Espírito Santo de Bocaiúva (2002)

REFERÊNCIAS

- ARQUIDIOCESE DE MONTES CLAROS. Site oficial. Disponível em: <<http://www.arquimoc.org.br/provincia.html>>. Acesso em: 28 fev. 2005.
- BASTIDE, Roger. As tradições africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. São Paulo: Pioneira/USP, 1971. v. 2.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cavalhadas de Pirenópolis. Goiânia: Editora Oriente, 1974.
- _____. Congos, congadas e reinados: rituais de negros católicos. Revista cultura, Brasília, n. 23, p. 80-93, 1976.
- _____. Memória do sagrado: estudos de religião e ritual. São Paulo: Edições Paulista, 1985.
- COSTA, João Batista de Almeida. Depoimento oral gravado em agosto de 2003. In: SPÍNOLA, André; LÊ SENECHAL, Giuliano (Dir.). Catopê. Belo Horizonte, 2004. (Videodocumentário - 1 DVD).
- FERREIRA, Cláudia Márcia; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Apresentação. In: VILHENA, Luís Rodolfo. Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. Rio de Janeiro: Funarte, 1997. p. 13-15.
- GARCIA, Sonia Maria Chada. Um repertório de caboclos no seio do culto aos orixás, em Salvador da Bahia. 2001. 224 f. Tese (Doutorado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Negras raízes mineiras: os Arturos. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.
- IBGE. Cidades@. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 24 mar. 2005.
- JOÃO DE SENA. Montes Claros, 14 out. 2003. 1 fita cassete (60min). Entrevista concedida a Luis Ricardo Silva Queiroz e Jean Joubert Freitas Mendes.
- JORNAL MONTES CLAROS. Montes Claros, 17 de agosto de 1916, p. 3.
- JORNAL MONTES CLAROS. Montes Claros, 23 de agosto de 1917. p. 3.
- LUCAS, Glaura. Chor'ingoma! os instrumentos sagrados no Congado dos Arturos e do Jatobá. Música hoje: revista de pesquisa musical da UFMG. Belo Horizonte, n. 7. p. 10-38, 2000.
- _____. Os sons de Rosário: o Congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2000.
- MARTINS, Saul. Congado: Família de Sete Irmãos. Belo Horizonte: SESC, 1988.
- MENDES, Jean Joubert F. Música e religiosidade na caracterização identitária do Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário do Mestre João Farias em Montes Claros - MG. 2004. 251 f. Dissertação (Mestrado em Música - área de concentração Etnomusicologia) - Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- MESTRE JOÃO FARIAS. Montes Claros, 08 maio 2004a. 1 fita cassete (60min). Entrevista concedida a Luis Ricardo Silva Queiroz.
- _____. Montes Claros, 29 jun. 2003. 1 fita cassete (60min). Entrevista concedida a Luis Ricardo Silva Queiroz e Jean Joubert Freitas Mendes.
- MESTRE ZANZA. Montes Claros, 08 maio 2004a. 1 fita cassete (60min). Entrevista concedida a Luis Ricardo Silva Queiroz.
- MESTRE ZÉ EXPEDITO. Montes Claros, 20 dez. 2003. 1 fita cassete (60min). Entrevista concedida a Luis Ricardo Silva Queiroz.
- MONTES CLAROS. Site oficial da Prefeitura Municipal. Disponível em: <<http://www.montesclaros.mg.gov.br/paginas/aspectosgerais/index.htm>>. Acesso em: 04 fev. 2005.
- NÚCLEO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. A cidade de Montes Claros. Disponível em: <<http://www.nca.ufmg.br/moc.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2005.
- PAULA, Hermes de. Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes. 2. ed. Montes Claros: [s.n.], 1979. v. 2.
- QUEIROZ, Luis Ricardo S. A música no contexto congadeiro. ICTUS - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA. Salvador, v. 4, p. 130-139, 2002.
- SOUZA, Marina de Mello e. Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação do Rei Congo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

